

Práticas de Autoconhecimento No Currículo das Escolas Não-Tradicionais - O Exercício do (Re)Conhecer-se através da Escuta Ativa

Prácticas De Autoconocimiento En el Currículo De las Escuelas No Tradicionales - El Ejercicio Del (Re) Conocer a través de la Escucha Activa

Juliana Artigas Flores¹

Lavínia Schwantes²

Caroline Rezende³

Resumo

O presente trabalho aponta como as escolas não-tradicionais (ENT) vêm incluindo atividades de autoconhecimento em seus currículos. Para abordar tal temática utilizamos como corpus de análise quatro documentários que apresentam a rotina dessas escolas, extraindo dos documentários as falas que ilustram essa temática. Como referencial teórico utilizamos os autores Paraíso, Barrera, Silva e Pacheco. As falas mais pertinentes foram separadas em tabelas por categorias de análise. A análise do material empírico está sendo elaborada. Assim, como conclusões prévias, apontamos a necessidade de ampliar os estudos a cerca de, como ferramentas do autoconhecimento vêm ocupando o espaço dos currículos nas ENT, trazendo assim, para o currículo da educação básica o componente da educação emocional na vida dos sujeitos da comunidade escolar.

Palavras-Chave: Escuta Ativa; Escolas não-tradicionais; Educação; Autoconhecimento; Educação Emocional.

Resumen

El presente trabajo apunta como las escuelas no tradicionales (ENT) vienen incluyendo actividades de autoconocimiento en sus currículos. Para abordar tal temática utilizamos como corpus de análisis cuatro documentales que presentan la rutina de esas escuelas, extrayendo de los documentales las palabras que ilustran esa temática. Como referencial teórico utilizamos los autores Paraíso, Barrera, Silva y Pacheco. Las palabras más relevantes se separaron en tablas por categorías de análisis. El análisis del material empírico está siendo elaborado. Así, como conclusiones previas, señalamos la necesidad de ampliar los estudios a cerca de, como herramientas del autoconocimiento vienen ocupando el espacio de los currículos en las ENT, trayendo

¹ Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura e Bacharelado (FURG). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Rio Grande, RS/Brasil; juliana_artigas@hotmail.com

² Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGEC/FURG); Rio Grande, RS/Brasil; laviniasch@gmail.com

³ Graduanda no Curso de Ciências Biológicas Licenciatura (FURG); Rio Grande, RS/Brasil; carol.rj14@hotmail.com

así, para el currículo de la educación básica el componente de la educación emocional en la vida de los sujetos de la comunidad escolar.

Palabras Claves: Escucha Activa; Escuelas no tradicionales; Educación; Conocimiento de sí mismo; Educación Emocional.

1. Contextualização e Objetivos

Este trabalho deriva da pesquisa de mestrado da primeira autora, por isso traremos aqui um recorte sobre a temática das Escolas Não-Tradicionais (ENT), objeto de estudo da dissertação. Esta temática, por ser ampla e diversificada, será recortada neste trabalho com o objetivo de explorar como as ENT trabalham a questão do autoconhecimento em seus currículos.

A problematização central deste trabalho é compreender certas práticas de autoconhecimento, tais como: meditação, exercícios de escuta ativa, práticas de roda/cirandas e assembléias estudantis, entre outras ferramentas que estão sendo incluídas nos currículos das ENT. Para a realização deste estudo, utilizamos como material empírico documentários gravados em três ENT, utilizando as falas de alunos e da comunidade escolar, como corpus de análise. Ainda dentro da problematização deste trabalho, pensamos como estas práticas do cuidar de si podem auxiliar nos processos educativos, tanto dos professores como dos/das alunos/alunas.

Para elaborarmos nosso trabalho, nos debruçamos, primeiramente, nos estudos de currículo de Silva(2015) e Paraíso (2009; 2015) para explorarmos a compreensão acerca do que entende-se por currículo. Assim, sucintamente, apontamos que o currículo escolar não limita-se ao artefato em si, ao documento impresso esquecido na gaveta da escola. Mas sim, a toda a forma de produção de saberes que ocorre dentro do espaço escolar. Assim como, as relações de poder que circulam por entre os sujeitos e também, porque não, por e entre os ambientes. O currículo da escola extrapola os conteúdos e/ou a práticas pedagógicas realizadas nesse espaço. Ele explora, como diria Foucault (2014) o dito e o não dito dentro do espaço escolar. Dos olhares até as falas. Dos cartazes ao silêncio, aquilo que não pode ser escrito, nem dito. Tudo que ocorre dentro do ambiente escolar, faz parte, elabora, dinamiza e modifica o currículo escolar diariamente.

Já para falarmos acerca das ENT pontuamos os estudos de Flores e Schwantes (2017a; 2017b) Barrera (2016) e Künzle (2011). Assim, compreendemos que as ENT são um movimento de renovação no âmbito da educação, não somente a nível brasileiro, mas também a nível mundial (REEVO, 2016). Salientamos que a sigla ENT foi um termo cunhado pela primeira autora, desenvolvido no decorrer da sua pesquisa. Alguns outros pesquisadores da área utilizam outras nomenclaturas, tais como: escola aberta; educação viva; educação/escolas alternativa(s); escolas democráticas; entre outras mais. Neste sentido, observamos uma ausência de consenso entre os pesquisadores da área para saber como nominar tais escolas. Assim, permitimos utilizar o termo que cunhamos para apontar a ideia do movimento escolar, tal como Barrera trabalha, e não apenas para referenciar uma escola em especial e/ou um referencial pedagógico.

Ainda sobre a temática das ENT, apontamos que tal tema apresenta-se como um movimento recente dentro da educação (BARRERA, 2016), sendo assim, a produção acadêmica a respeito da mesma mostra-se de forma dispersa e pouco sedimentada. Para elucidarmos o que compreendemos por ENT, é importante salientar que estas escolas não se identificam como um único movimento, nem mesmo trabalham de forma unificada. A criação desta nomenclatura foi um dos resultados que surgiram no decorrer dos estudos desta

pesquisa. Assim, trazemos aqui alguns exemplos das mudanças curriculares praticadas por estas escolas, que nos permitiram agrupá-las como objeto de estudo:

(...) foco no sujeito aprendente, divisão dos grupos por projetos de pesquisa (e não por séries/idades), modificação nos processos avaliativos, trabalho na questão da construção de valores e/ou práticas coletivas, transformação de professores específicos (por idade e/ou conteúdo) para tutores (individuais e/ou coletivos), atendimento em turno integral, participação ativa da comunidade na escola, entre outras características (FLORES, SCHWANTES, 2017b)

Ainda como exemplo de ENT, podemos citar o Projeto Ancora; A Cidade Escola Ayni; a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Desembargador Amorim Lima; a Escola La Cecilia; a EMEF Campos Salles; a escola da Ponte; entre outras mais.

Por fim, o objetivo deste trabalho é explorar como as ENT trabalham com ferramentas do autoconhecimento em seus currículos, com o intuito de compreender como estas ferramentas constituem os sujeitos (alunos e comunidade escolar) ali imersos e auxiliam em seus processos de aprendizagem.

2. Metodologia

Para a elaboração deste trabalho, selecionamos quatro vídeos como corpus de análise, disponíveis na plataforma do Youtube para livre acesso. Cada vídeo apresenta uma ENT, trazendo assim, a rotina da escola e as problemáticas que surgem dentro do espaço. Para a produção desse artigo utilizamos os documentários das escolas: La Cecilia (Argentina); Escuela Democrática de Huamachuco (EDH) (Peru) e Tierra Fertil (Argentina). Salientamos ainda, que estes vídeos fazem parte de duas séries produzidas de forma independente. Sendo assim, utilizamos três episódios do coletivo [Re]Considere e um episódio produzido pelo Canal Futura. Para a análise dos dados, assistimos os vídeos, extraímos as falas que ilustram como a escuta ativa promove o autoconhecimento dos/das alunos/alunas e do corpo docente, agrupamos as falas de acordo com as semelhanças dos conteúdos e analisamos através do referencial teórico já citado. As falas serão expostas na forma de quadros no sentido de facilitar a análise.

3. Resultados Prévios

Devido a contenção do espaço de escrita, traremos aqui alguns dos principais pontos extraídos dos vídeos. A análise encontra-se em processo de construção e será aprofundada na elaboração do artigo final. Assim, nos permitimos trazer brevemente as primeiras categorias que percebemos na construção do trabalho. Dessa forma, a primeira categoria apresentada surge através dos educadores e dos pais que ilustram a preocupação com o exercício do conhecer-se:

Quadro 1 - Categoria I - O exercício de Conhecer-se

(diretora/ La Cecilia): Nós dizemos que o aluno tem que conhecer a si mesmo, tem que descobrir quais são as suas capacidades, desenvolvê-las. Fazer disso um meio de vida com sentido social.	(educadora/EDH): Para mim pessoalmente, por exemplo, quando eu me incorporei a escola democrática foi muito difícil. Quando eu entrei era muito forte para mim, porque eu tinha que aprender a aceitar que os outros me diziam as minhas verdades... ou as críticas que me diziam para pensarmos e melhorar.
---	--

(ex-aluna/La Cecilia): Esse tipo de educação depois me permitiu (...) tomar decisões sobre a minha vida sem o peso da minha família, do meu grupo de amigos... ou... não sei... inclusive da própria escola. Ou do que a sociedade espera que a gente faça...	(ex-aluna/ La Cecilia): As aulas de autoconhecimento, para isso (escolher um curso a nível superior) me serviram de montão. E poder falar com o Ginés (diretor) sobre todas as estas coisas... me ajudaram a ver que, para mim, o que realmente gostaria de fazer com a minha vida é... dedicar-me ao jornalismo
---	--

Fonte: produzido pela autora.

A segunda categoria que surge é a questão da Escuta Ativa, acompanhadas com as práticas meditativas que ocorrem nas ENT. Nas falas podemos perceber como o exercício da escuta ativa permeia e permeou não somente os processos de aprendizagem, mas também a construção da subjetividade dos sujeitos:

Quadro 2 - Categoria II - A Escuta ativa e o Silêncio

(aluna/La Cecilia) O momento de silêncio é um momento para acalmar a mente antes de começarmos a jornada todos juntos. Apesar de ser opcional, a gente faz silêncio porque a maioria dos alunos já está lá dentro (no saguão). No inverno faz muito frio, então a gente entra. Depois de um tempo na escola a gente se interessa e vai compreendendo que o silêncio é uma espécie de exercício mental, como uma situação mental que é bastante interessante e útil. A gente se sente em ordem, se assim quiser. Depois disso se perde, bastante rápido, com todos os mecanismos da mente, mas, quando se faz todos os dias vai se aprendendo a utilizá-lo e às vezes se encontramos em situações diárias utilizando o silêncio	(aluna/ EDH): Em outras escolas, quando eu dizia algo a alguém, que não gostei do que ele me fez, a pessoa se magoava comigo e já não me falava mais. Mas aqui, as pessoas gostam que a gente fale o que elas fizeram de errado, para mudarem. E ninguém se incomoda com isso (...) Supostamente, nos outros colégios: "Se você é pequeno sua opinião me faz rir". Mas aqui, nessa escola, os grandes respeitam a opinião dos pequenos.
(aluna/ EDH): Antes, Enrique (um educador) chegou aqui muito machista. Então, nós lhe ensinamos para que não seja machista. Então ele disse: desculpe também e eu não vou voltar a fazer. E com a ajuda da gente, Enrique agora não é mais assim e mudou.	(educadora/EDH) Assim... quando eles corrigem nossos erros... para mim está tudo bem, pois me faz crescer como pessoa e aprendo muito mais com eles.

Fonte: produzido pela autora.

Já na categoria III, observamos a construção das assembléias dentro destas escolas. As assembléias são práticas comuns as ENT, utilizadas principalmente para a resolução de conflitos, debates, tomadas de decisões, entre outras possibilidades. O Professor Pacheco, um dos criadores da Escola da Ponte, define as assembléias como:

[...] dispositivo de intervenção direta, a assembléia de Escola é a estrutura de organização educativa que proporciona e garante a participação democrática dos alunos na tomada de decisões que respeitam à organização e funcionamento da Escola (PACHECO E PACHECO, 2015, p.121).

Abaixo então ilustramos, através das falas, a utilização deste dispositivo. É interessante observar nas falas como os/as alunos/alunas percebem e compreendem o papel da assembléia.

Quadro 3 - Categoria III - As Assembléias

(aluno/EDH) Eu gosto de cinema, averiguar se as coisas são boas ou más (fala em relação ao exercício de pesquisar). Tipo Dragon ball (desenho animado)... estamos vendo, porque vamos enviar à assembléia. Porque Dragon ball ensina as crianças a brigar.. às vezes têm poderes e as crianças pensam que vão ter poderes também.. por isso está proibido. É muita briga. Muita briga e as crianças aprendem a brigar. Então nós estamos vendo este tema para levar a	(aluno/La Cecilia): A assembléia foi criada como um espaço de ordem, soa muito autoritário, mas não é. É um espaço onde se coloca toda a escola a par do que acontece e onde se discute coisas de interesse comum. E, às vezes, se usa para outras questões mais existenciais. Ou problemas referentes a algum aluno...
---	---

assembléia e ver o que nos parece...	
(mãe de aluna/ EDH) Bom, uma história engraçada que temos com Luna e a escola democrática é que uma vez não estávamos de acordo sobre quem iria cozinhar. Eu queria que Roberth cozinhasse, ele queria que cozinhassemos todos. Então Luna disse: "Assembléia!". "Propostas! eu proponho que todos devem opinar" (...) E no final Luna disse: o que acontece é que somos uma família, e todos temos que cozinhar." E assim todos fomos cozinhar depois da assembléia de Luna.	(pai de aluna/ EDH) A mim, me gostou muito o fato de terem uma assembléia, não? Uma assembléia na qual eles podem eliminar suas contradições. Romper algumas regras que são pauta necessárias nas atividades humanas. E mais... eu disse um dia: Filha, além da assembléia, onde vocês discutem, propõe, questionam? Ela me disse: papai, eu agora tenho um cargo. Qual é esse cargo? Eu sou conciliadora. O que significa isso, querida? Papai, antes de citar alguém na assembléia que fez algo que não nos convém enquanto grupo eu tenho que conversar com ele ou com ela.
(aluna/EDH) Ontem, que foi a assembléia, tratamos dos celulares, se podemos ou não trazer. Isso é uma assembléia. E também quando duas pessoas brigam ou se batem, escrevemos no papel para a assembléia. E aí vemos, todos na quinta, na assembléia o que nos cabe resolver.	(aluno/ Tierra Fertil) Por isso convocamos uma assembléia quando alguém briga. E chamamos todos para que todos possam aprender juntos e que isso não aconteça de novo.

Fonte: produzido pela autora.

Nas assembléias, nos momentos de silêncio e nos exercícios de diálogo contínuo entre os sujeitos da comunidade escolar percebemos a forte presença da escuta ativa. Esta, por sua vez, é uma técnica trabalhada dentro do campo da Comunicação-Não-Violenta (CNV) que, estruturada nos anos sessenta, pelo psicólogo pesquisador Marshall Rosenberg foi definida como:

A CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Somos levados a nos expressar com honestidade e clareza, ao mesmo tempo que damos aos outros uma atenção respeitosa e empática. Em toda troca, acabamos escutando nossas necessidades mais profundas e as dos outros. A CNV nos ensina a observarmos cuidadosamente (e sermos capazes de identificar) os comportamentos e as condições que estão nos afetando. Aprendemos a identificar e a articular claramente o que de fato desejamos em determinada situação. A forma é simples, mas profundamente transformadora (ROSENBERG, 2006, p. 21,22).

Observamos assim, dentre os vídeos, uma forte tendência a inclusão da educação emocional, que também chamamos de autoconhecimento, no currículo dessas escolas. Nos trechos acima, destoa a questão da escuta ativa, na qual através da CNV os/as estudantes conseguem acessar seus sentimentos, desejos e ânsias com maior clareza. Esta possibilidade, como demonstrada nas falas, auxiliam tanto na resolução dos conflitos, como nas decisões necessárias a serem tomadas nas vidas dos sujeitos. É interessante salientar ainda, que no decorrer do vídeo observamos os processos de desconforto que por vezes a CNV pode trazer, ponto esse ilustrado na fala da educadora da EDH. Entretanto, estes desconfortos promovem a reflexão e o movimento dos sujeitos, os auxiliando assim, mais uma vez em seus processos educacionais tanto dentro como fora da escola.

Outra categoria observada nos vídeos foi a questão dos trabalhos em grupo, através de cirandas, projetos e/ou os encontros matinais. Assim como a construção dos diários como ferramenta no processo do autoconhecer-se.

Quadro 4 - Categoria IV - Exercícios de Roda e Escrita Reflexiva

(aluno/ La Cecilia): Pelo menos o que eu sinto é como um grupo de gente que está fazendo uma mesma coisa. No círculo e gente que tem o mesmo objetivo. E as aulas se constroem tanto pelos professores quanto pelos estudantes...	(aluno e aluna/ Tierra Fertil): E no final do dia, escrevemos o que fazemos num caderno (...) A bitácora é como se fosse um diário.. tem que escrever tudo que você fez no dia. Se você tem vontade, escreve uma ou duas coisas, mas eu sempre escrevo tudo que fiz no dia.
(aluno/EDH) Pela manhã, quando chegamos sempre fazemos um círculo matinal. Cantamos, brincamos, nos divertimos.. e depois vamos a outros espaços e fazemos o que devemos fazer.	(aluno/ Tierra Fertil) Quando chegamos fazemos uma roda e explicamos o que vamos fazer no dia ou se existe algo especial... se vem alguém.. e falamos todos sobre o que vamos fazer no dia.

Fonte: produzido pela autora.

4. Conclusões

A análise dos vídeos nos proporciona uma ampla fonte de material para discussão acerca da temática de como as ENT vêm introduzindo em seus currículos o autoconhecimento. Esta temática apresenta-se de forma recente e pouco explorada dentro do campo da educação. Assim, nos propusemos aqui, mesmo que de forma muito breve, a introduzir estas discussões no âmbito acadêmico para então, iniciarmos uma exploração mais profunda do assunto. Uma vez que, as ENT são um movimento sedimentado dentro do Brasil (BARRERA, 2016) e suas mudanças no âmbito educacional precisam ser exploradas.

Referências

BARRERA, T. *O movimento brasileiro de renovação educacional no início do século XXI*. 2016. 274 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016. Canal Futura. Destino: Educação - Escolas Inovadoras | La Cecilia (Argentina). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4qk6lklwTU&t=25s>. Acessado em: 01 de out.2017.

FLORES, J.A; SCHWANTES, L. Destino: educação - escolas inovadoras um olhar sobre o currículo das escolas inovadoras apresentadas pelo canal Futura In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO / SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 7,4, 2017, Canoas. Anais ISSN: 2446-810X. Canoas/Rio Grande do Sul:Editora da Ulbra, 2017. http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1495680979_ARQUIVO_DESTINOEDUCACAO-ESCOLASINOVADORAS2.pdf.^b

FLORES, J.A; SCHWANTES, L. Um estudo acerca das escolas não-tradicionais: como o discurso das mídias produzem estas escolas? In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO / SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 7,4, 2017, Canoas. Anais ISSN: 2446-810X. Canoas/Rio Grande do Sul:Editora da Ulbra, 2017. http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1495399913_ARQUIVO_UMESTUDOACERCADASESCOLASNAO-TRADICIONAIS.pdf.^a

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 301p. KIRCHOF, E.R.; WORTMANN, M.L.; COSTA, M.V.(Org.). *Estudos Culturais e Educação Contingências, articulações, aventuras, dispersões*. Canoas: Editora da ULBRA, 2015, p. 269-288.

KÜNZLE, M. R. *Escolas alternativas em Curitiba: trincheiras, utopias e resistências pedagógicas (1965 – 1986)*. 2011. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade do Paraná, Curitiba, 2011.

Mapeamento Coletivo de Educação Alternativa (REEVO). Disponível em: http://map.reevo.org/?l=pt_PT . Acessado em: 13 out. 2017.

PARAÍSO, M.A. *Currículo nômade: quando os devires fazem a diferença proliferar*. In: PARAÍSO, M.A. Currículo, Desejo e Experiência. *Revista Educação e Realidade*, v.34, n.2, p.277-293,2009. ISSN 2175-6236. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9355/5545> . Acessado em: 12 out.2017.

ROSENBERG, M. B. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora,2006. 285p. [Re]Considere. O que eles têm para nos dizer? - Episódio 1 - Escuela Democrática de Huamachuco (Peru). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zOcmU9kv0ms>. Acessado em: 01 de out.2017.

_____. O que eles têm para nos dizer? - Episódio 2 - Tierra Fértil (Argentina). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7zJNPoTkpl&t=403s> . Acessado em: 01 de out.2017.

_____. O que eles têm para nos dizer? - Episódio 3 - La Cecilia (Argentina). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vZOLBOGxz4w> . Acessado em: 01 de out.2017.
SILVA, T.T. *Documentos de Identidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 154p.